

A REVISTA DOS NEGROS BRASILEIROS

RACIA

DOC 111

TÊNIS RADICAIS

Os novos modelos
para você arrasar!

20

Cortes de cabelo

BUMBUM NOTA 10

Sem celulite, sem
estrias e sem flacidez!

EMAGREÇA JÁ!

Um programa completo de
exercícios que vai queimar
seus quilinhos extras

GINGA BRASIL!

O som que vai
rolar neste verão

ISSN 1413-8085



9 771413 808002

14>

Portugal 450500

BRASIL

ANO 2

Nº 14

R\$ 3,50



Simone Moreno
e Alexandre Pires de
Só Pra Contrariar

Supere o
preconceito
no trabalho

ENTREVISTA:
Hélio de la Peña,
o humorista negro
do Casseta & Planeta

O sonho da **FACULDADE** cada vez mais perto

Hoje não há mais
desculpa para você
não enfrentar
o vestibular. Existem
no Brasil vários
 cursinhos
 destinados
à nossa comunidade.
Ao todo, **eles já**
 colocaram, na
 universidade
 mais de 500
 alunos negros

POR OSWALDO FAUSTINO
FOTOS: RENAN CEPEDA

Geane e Simone, universitárias
da PUC-RJ: batalha vencida



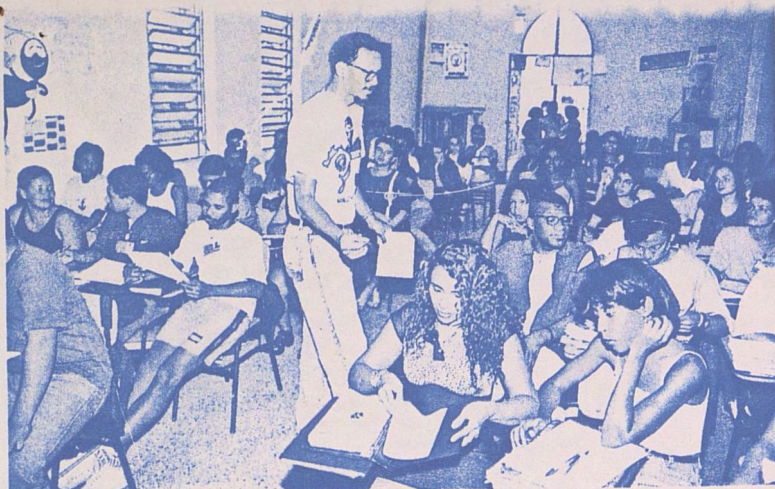


final, quantos negros conseguem, anualmente, no Brasil, chegar ao curso superior? Segundo uma estatística do IBGE, no início dos anos 90, negros e mestiços ocupavam menos de 5% das vagas nas universidades. A mesma pesquisa afirmava que a população negra brasileira era de 44% (segundo a pesquisa Racismo Cordial, do Datafolha, de 1995, esse número é de 59%). Por terem sido discriminados por séculos, os negros acabam tendo mais dificuldade de acesso à formação básica eficiente, de orientação e, até, de perspectiva de futuro.

Estudando em escolas públicas de má qualidade, os poucos que conseguiam completar o primeiro e segundo grau desistiam de prestar o vestibular ou acabavam ingressando numa faculdade particular. Muitas dessas faculdades, por sua vez, também são de qualidade inferior e as que são consideradas boas têm mensalidades tão caras que o sonho acaba se tornando um pesadelo. E, assim, o estudante negro e pobre ou não chegava ao final ou tornava-se um profissional com uma formação precária, sem grandes condições de enfrentar as dificuldades do mercado de trabalho.

O que fazer? Ir à luta? Ou desistir e aceitar o falso estigma de que o negro dificilmente será um profissional em condições de atender às exigências do mercado? Essas, provavelmente, eram as preocupações de um grupo de estudantes e professores reunidos, em 1991, em São Paulo, pleiteando 200 bolsas de estudo para estudantes afro-descendentes, na Pontifícia Universidade Católica (PUC).

Em meio à discussão, um estudante de teologia da Baixada Fluminense, o Frei David Raimundo dos Santos, começou a indagar: "Se conseguirmos essas 200 bolsas, como vamos ocupar as vagas, se a maioria dos nossos alunos vêm de escolas públicas muito fracas e te-



O professor Zeno dá aula no salão anexo à Igreja de São João Batista, em São João de Meriti, na Baixada Fluminense

ção de passar no vestibular?". Foi aí que David soube que, em Salvador, na Bahia, havia uma cooperativa, a Steve Biko, que tinha um cursinho pré-vestibular voltado especificamente para negros. "Pensamos em fazer a mesma coisa em São João de Meriti, na Baixada Fluminense", conta David.

Aulas aos sábados

Ele e seu grupo concluíram que a única forma de levar o projeto adiante seria contar com professores voluntários e não-remunerados, de preferência, pessoas comprometidas com o movimento negro. "Então, começamos a buscar nossos professores na própria comunidade, independentemente de terem qualquer ligação com o movimento negro. E muitos acabaram se tornando militantes dedicados à causa do negro e da cidadania", explica David.

USP tem proposta diferente

Outro cursinho pré-vestibular, voltado para a comunidade negra, funciona no campus da Universidade de São Paulo (USP), mas não pertence a ela. É um projeto do Núcleo de Consciência Negra (NCN). O Cursinho Experimental do NCN foi criado, em 1994, pela bióloga Fernanda Lopes e pelo jornalista e mestre em Sociologia Luiz Carlos dos Santos.

Como o NCN não pertence à universidade e, portanto, não recebe verba da

Como a maioria dos alunos seria de jovens que trabalham no Rio de Janeiro e enfrentam horas de ônibus em condições precárias, decidiu-se que o curso seria um "intensivão",

estudantes do Instituto Cultural e Beneficente Steve Biko já ingressaram em faculdades baianas públicas e particulares

uma vez por semana, no sábado. Seriam dez horas de aula, uma hora para cada matéria. Para custear os gastos com fotocópias de apostilas, giz, apagador, outros materiais escolares necessários e, ainda, um lanche para o professor voluntário e sua

reitoria nem de qualquer organismo financiador de estudos, o cursinho é auto-sustentado com as mensalidades dos estudantes. Ele tem o mesmo objetivo dos demais cursinhos destinados a negros e carentes, mas com uma estrutura diferente: funciona de segunda a sexta, das 19 h às 22h35, e aos sábados, das 9 h às 17 h. Os professores são pagos, os estudantes candidatos ao ingresso são submetidos a uma prova classificatória e, depois, a uma entrevista de análise socioeconômica, que é eliminatória. Cada um dos seus

Primeira Turma

Grças ao cursinho Pré-Vestibular para Negros e Carentes, Geane Pereira Campos, 22 anos, e Simone Baptista Seguins, 23 anos, estão concluindo este ano o curso de letras com habilitação em secretariado, na PUC-RJ. Elas foram alunas da primeira turma do cursinho, que começou em 1993. "Nós íamos tentar nos preparar estudando em casa, sozinhas", lembra Geane. "Mas uma das irmãs da igreja de Nova Campinas, em Santa Cruz da Serra, onde moramos, nos avisou do cursinho do frei David." Além das aulas, que possibilitaram a aprovação de ambas no vestibular, o cursinho ainda conseguiu que a PUC cedesse uma bolsa de estudos integral para Geane e Simone. "Assim que entrei na faculdade, levei a proposta do frei David para Santa Cruz da Serra e organizei o curso lá. Hoje, Simone e eu somos as coordenadoras e também damos aulas: ela, de redação, e eu, de espanhol", conta Geane, que também inaugurou na PUC a Semana da Consciência Negra, que acontece anualmente.

condução, estabeleceu-se que cada aluno pagaria uma mensalidade de 5% do salário mínimo: na época, R\$ 3,60, e hoje, R\$ 6,00.

Depois de muitas reuniões e empenho, só em maio de 1993 o projeto tornou-se realidade. Com 98 alunos inscritos e dez professores voluntários, o primeiro cursinho pré-vestibular do Rio de Janeiro começou a funcionar no Salão

140 alunos paga uma mensalidade de R\$ 60,00, que é viável, comparada à dos demais cursinhos, que cobram de R\$ 350,00 a R\$ 700,00.

O compromisso dos alunos é o de frequentar, no mínimo, 85% das aulas, participar das atividades regulares do cursinho, como visitas a museus e exposições, assistir a palestras, espetáculos de teatro, de dança, filmes, vídeos etc. Todos são unânimes em afirmar que não seriam capazes de ingressar na faculdade se não tivessem frequentado as aulas do NCN.

Q
ta
u
b
d
b

Nada me
afro para
super na
tome al
perda de
PAON, a
do cabel
desejou.

* Banho de
água e duas
Utilize o me

Serv

O sonho da faculdade cada vez mais perto



Frei David, criador do Pré-Vestibular para Negros e Carentes

Frei David conseguiu bolsas de estudo para os alunos do seu curso em três universidades e duas faculdades cariocas

Quilombo, anexo à Igreja de São João Batista, em São João de Meriti. Além das matérias básicas exigidas nos vestibulares, também foi introduzida a disciplina Cultura e Cidadania, que ensina cultura e história afro-brasileira e todos os princípios da questão da cidadania.

A primeira conquista veio logo no ano seguinte, com 34% dos alunos aprovados em faculdades federais do Rio. Como consequência, 716 estudantes procuraram o cursinho desde a abertura das inscrições, no dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, até fevereiro daquele ano. Como só haviam 100 vagas, foi criado um sistema de seleção, cujo critério principal é a condição financeira dos alunos, dos quais muitos também eram brancos pobres. Tanto que o nome do projeto foi mudado para Pré-Vestibular para Negros e Carentes.

Steve Biko inspirou cursinho pioneiro

O primeiro cursinho pré-vestibular a priorizar os estudantes negros nasceu na Bahia, na Cooperativa Steve Biko, uma entidade formada por estudantes e professores afro-descendentes, no mesmo período em que se organizava, em 1992, em Salvador, o I Seminário Nacional de Universitários Negros. A escolha do nome foi uma homenagem ao herói que lutou contra o apartheid, na África do Sul, e acabou assassinado pelo sistema.

O grupo se reunia no DCE da Universidade Federal da Bahia, e lá se organizou o cursinho, com 30 alunos. O critério principal para poder ingressar no cursinho é que o candidato seja afro-descendente e tenha renda familiar

inferior a três salários mínimos. Uma vez aprovado, o aluno paga uma mensalidade de 40% do salário mínimo. De lá para cá, cerca de 100 estudantes já ingressaram em faculdades baianas: públicas e particulares.

Hoje, denominada Instituto Cultural e Beneficente Steve Biko, a entidade oferece aulas de segunda a sexta-feira, à noite, e nos sábados e domingos, durante o dia todo. Também tem a disciplina Cidadania e Consciência Negra. Desde o início do projeto, a instituição vem sofrendo o problema crônico de ausência de um espaço definitivo, devido a dificuldades financeiras. Como saída, sua coordenação pretende transformar o Instituto Steve Biko numa ONG (Organização Não-Governamental), para poder receber verbas do exterior para financiamento do projeto.

Bolsas de estudo

Hoje, quatro anos depois do início do projeto, existem no Rio de Janeiro 54 núcleos semelhantes. Eles funcionam em sedes de sindicatos, escolas de samba, terreiros de umbanda e candomblé e igrejas evangélicas.

O sucesso do movimento está, principalmente, nas conquistas obtidas nas universidades. Além de um grande número de negros e carentes que ingressaram nas federais, que são gratuitas, foram conquistadas bolsas de estudo em boas faculdades particulares. Na Universidade Estácio de Sá, foram conquistadas 69 bolsas de 80%; nas Faculdades Cândido Mendes, duas de 100%; na Universidade Grande Rio, onde há a segunda melhor faculdade de Odontologia do Brasil, 20 bolsas de 30%; na Faculdade de Educação Duque de Caxias, 40 bolsas de 50%. A maior conquista até o momento, porém, foi na PUC do Rio de Janeiro: todo aluno que ingressar, vindo do Pré-Vestibular para Negros e Carentes, tem 100% de bolsa. Graças a isso, já há 150 alunos estudando gratui-

tamente naquela universidade.

Hoje o Pré-Vestibular para Negros e Carentes não funciona apenas nos limites da Baixada Fluminense. Tomou todo o Rio de Janeiro, até Petrópolis, onde é dirigido por um professor branco, e já há quatro núcleos no Rio Grande do Sul, seis em Belo Horizonte, um no Maranhão, três em Vitória e três em São Paulo.

Onde encontrar

Pré-Vestibular para Negros e Carentes

Mensalidade: R\$ 6,00.

Aulas: o horário varia de acordo com o núcleo.

Nilópolis: tel. (021) 791-3303.

São João de Meriti: (021) 756-2558.

Petrópolis: (0242) 43-7791.

Instituto Cultural e Beneficente Steve Biko

Mensalidade: R\$ 48,80.

Aulas: de segunda a sexta, das 19 h às 22h30, sábados, das 14 h às 16 h. Tel. (071) 321-6323.

Núcleo de Consciência Negra

Mensalidade: R\$ 60,00.

Aulas: de segunda a sexta, das 19 h às 22h35, sábados, das 9 h às 17 h. Tels. (011) 818-4291/818-4379. ♡